



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: Esclarecimento — Futurismo — Garcia de Rezende — Industria Instrumental
Portugueza (conclusão) — A Inglaterra musical — Concertos — Neticuario

Esclarecimento

Como nesta linda terra portugueza, um mexerico bem lançado é coisa que saboreamos todos com o mesmo deleite que um sorvete de leite e de morangos em torrido dia de mez de Agosto, não faltou alguém que, lendo dias passados na *Arte Musical* a minha ultima carta, attribuisse logo o meu germanofilismo musical ao facto de *estar eu vendido aos alemães*. Esta é agora a acusação *dernier cri*, e desatou logo por ahí fóra uma de: — ¿ estará? — ¿ não estará? —; e se estivesse! —: talvez esteja! —; olha que está! — oh filha, juro-te que está...!

E estou... sim senhor, estou! — Estou vendido ha já um bom par d'annos a esses *tratantes* todos de Eisenach, de Rohrau, de Saltzburgo, de Bonn, de Zwickau, de Leipzig, de Hamburgo, que me compraram corpo e alma, e pagaram tudo ricamente, profusamente, com o oiro purissimo e refulgente do seu Genio! Eles vigilarão e alimentaram a minha infancia; acompanharam e temperaram a minha mocidade... suavizam e consolam a minha velhice, e eu... está claro! reconheço e agradeço.

E' pois natural, equitativo e justo, que d'um obscuro cantinho d'este jornal (folha inocente e ainda não contaminada de bisbilhotices politicas), trate de defender os Deuses do meu culto atacados pelo illustre mestre Saint Saëns que, rabugento, insistente, tenaz... (e esquecido já, entre outras coisas, da honrosissima e rara pompa

com que a Alemanha artistica em peso lhe festejou e solemnizou, ainda ha pouco, a 100.^a representação do «Samson et Dalila»!) continua a verter nos jornais parisienses, a bilis toda que trazia engarrafada contra Wagner e o wagnerismo, e a bombardear com a sua prosa (e com não menos impiedade de que o foi a Cathedral de Reims!) as paginas immortais e sublimes a que todos devemos tanta emoção elevada, tanta vibração, tanto entusiasmo, tanta consolação e reconforto.

E ainda fala o grande compositor em *interdicção da lingua alemã*...

O quê?!... Como?! ¿ tambem a admiravel lingua em que foram concebidos o «Fausto», o «Wilhelm Meister», «Hermann e Dorothea», as maravilhas todas de Schiller, de Lessing, de Richter, de Eichendorff, de Körner, não tornarão já a soar nos nossos ouvidos?

As melodias de Schubert e de Schumann, ¿ nunca mais serão cantadas em terras latinhas nos incomparaveis e *intraduziveis* textos de Heine, de Uhland, de Rückert etc. em que foram germinadas, sentidas e compostas?

Não, não, e mil vezes não! — A arte é a unica compensação que tem a vida. O Genio não tem patria, não tem raça, não tem nacionalidade. E' de todos, pertence a todos. O Genio possui o unico Direito Divino que Deus nosso Senhor concedeu á sua creatura. O Genio é a faisca luminosa e bemfazeja que, immaculada e pura de preconceitos, de invejas, de odios e rancores, vem trazer resignação, conformidade e lenitivo ás amarguras da terra...

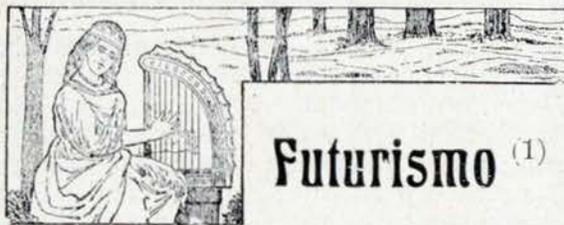
Se não nos basta o cataclismo que nestes tremendos instantes pesa sobre as nossas cabeças; se ainda por cima está para nós proximo o dia em que nos seja necessario renunciar á Arte: em que não nos seja já licito ouvir, gozar, gemer, chorar e vibrar de entusiasmo com as divinas notas do «Parsifal», do «Tristão e Isolda», dos «Nibelungen»... venha depressa um morteiro de 42 e pulverise-nos a todos...! Ainda assim estaremos com sorte.

Antes isso... do que a «Proserpina» de Mr. Saint-Saëns nas estantes por todo o tempo que nos reste de vida!

Donnerwetter noch einmal...!!!

Lisboa, 20 de Novembro de 1914.

ALEXANDRE REY COLAÇO.



Não vão suppôr os nossos leitores que, por aqui transcrevermos as doutrinas de um dos mais audaciosos innovadores da hora presente, Babilla Pratella, as queiramos perfilhar em absoluto ou induzir seja quem fôr a renegar ideias assentes e tradições estabelecidas.

Não é esse o nosso proposito, nem por sombras.

Convem comtudo vêr e apreciar o que lá fóra se passa, e nós outros, portuguezes, que temos a velha mania de fechar os olhos a tudo o que, em musica, é progresso e movimento, nada perdemos em estudar mais ou menos superficialmente o caminho que tomam as cousas d'arte nos paizes mais cultos.

Por isso, e não por espirito de propaganda, é que nos permittimos aqui expôr ideias tão... revolucionarias.

E' incontestavel que a Italia não pode oppôr um unico nome de musico innovador aos de Debussy, Dukas, Charpentier, Ricardo Strauss, Edward Elgar, Mussorgsky, Rimski-Korsakow, Glauzounow e Sibelius,

que todos com maior ou menor exito se esforçaram em ultrapassar o genio revolucionario de Ricardo Wagner.

Acreditando por outro lado na inextinguivel inspiração musical da nossa raça, não deixamos de declarar que a actual inferioridade da musica italiana é um producto logico: 1.º dos Conservatorios de musica, empestados pelo tradicionalismo ignorante dos professores; 2.º dos grandes editores, negociantes de notas e de-vozes, tão timoratos como avarentos.

Com effeito, os jovens musicos italianos, ao sahir da atmospheria mephitica dos conservatorios, são immediatamente empolgados pelos editores que, depois de lhes terem imposto um profundo horror por toda a originalidade creadora, um desprezo chronico pela arte e uma adoração absoluta pelos diferentes cretinismos do publico, os encadeiam para todo o sempre a contractos leoninos aos pés d'esses dois grandes idolos de cartão-pasta: Puccini e Giordano.

Jovens compositores da Italia — desertai os conservatorios e as academias para estudar e compôr na mais absoluta das liberdades — revoltai-vos contra a tyrania dos editores, a fatuidade do publico e a tagarellice dos criticos mais ou menos vendidos.

Ataquemos *una voce* esse prejuizo da musica *bem feita* — bonita lição de rhetorica — e desprezemos essa phrase corrente, tão cobarde como estúpida: *é preciso voltar á antiga musica*. Destruamos o reinado do cantor. E' mister que a sua importancia se reduza exactamente á de qualquer instrumento da orchestra. Transformemos a concepção, o valôr e o titulo do poema dramatico em verdadeira musica.

E' preciso que cada compositor seja o auctor do seu proprio poema.

Combatamos todos e cathegoricamente todas as reconstrucções historicas, a *mise-en-scène* tradicional e o desprezo do costume moderno na opera. Lutemos todos contra o successo enervante e deleterio das romanças de genero Tosti e Costa e das cançonetas napolitanas. Proscrevamos todos a musica sacra que, dada a bancarota das religiões, se transformou em monopolio exclusivo dos directores de conservatorio, tão falhos de talento como anciosos de gloria.

Arranquemos do espirito do publico o gosto pelas velhas operas, cuja exhumação entrava a marcha dos musicos novos; obriguemos todos o publico, por uma assidua propaganda, a defender tudo o que surge de original e de revolucionario em musica.

(1) Do *Manifesto dos musicos futuristas*, publicado ha uns 3 annos por B. Pratella.

Glorifiquemos-nos emfim de ser injuriados e assobiados pela horda dos moribundos e dos oportunistas.

Clama-se por toda a parte a nossa *loucura*. Não é para admirar: Palestrina provavelmente teria considerado Bach como um doido, Bach teria considerado Beethoven como um doido, Beethoven teria considerado Wagner como um doido. Rossini declarava em ar de troça que tinha finalmente compreendido uma pagina wagneriana, lendo-a de baixo para cima. Depois d'uma audição da abertura do *Tannhäuser*, Verdi escrevia a um amigo que Wagner não passava d'um pobre alienado!

E' portanto á janella d'uma gloriosa casa de doidos que proclamamos, como principio essencial da nossa revolução futurista, que o contraponto e a fuga, tolamente considerados como ramos dos mais importantes do ensino musical, não sejam d'ora ávante para nós senão ruínas d'essa velha sciencia da polyphonia que se estende desde os Flamengos até Bach. Vamos trocal-a pela polyphonia harmonica, fusão logica do contraponto e da harmonia, que evitará aos musicos a tarefa inutil de desdobrar os seus esforços em duas culturas oppostas; uma apodrecida pelo tempo, outra contemporanea e viva — e portanto inconciliaveis porque são fructos differentes de duas sensibilidades differentes.

O ceu inconstante, os bosques, as montanhas, as vagas encapeladas, a fumosa desordem dos portos mercantes, as agitadas capitaes e as suas inumeras chaminés de fabricas, tudo se transforma em vozes poderosas e prodigiosas atravez da alma do musico. E essas vozes cantam as paixões, as aspirações, as alegrias e as dôres do homem que a magia da arte soube por esse modo ligar e misturar com a natureza. As formas musicas não são assim senão apparencias e fragmentos d'um só Todo.



Garcia de Resende

Era um talento privilegiado: um cortesão cheio de prendas. Se a sua figura rotunda se prestava á satyra dos seus contemporaneos, elle aparava os golpes rindo e respondia com as trovas do sarcasmo. Mostrou que o epigramma, por mais mordente que fôsse, não lhe beliscava a epiderme, era a melhor maneira de desarmar os que tanto lhe chasqueavam o grotesco do physico,

que elle seria por ventura o primeiro a metter a ridiculo.

Garcia de Resende, além de escriptor e poeta era tambem um artista: bom debuxador e musico. Da sua pericia n'esta especialidade, das suas *manhas* artisticas, como se dizia então, não se esquece elle de deixar mais de uma curiosa referencia nas suas obras. Assim da *Chronica de D. João II*, recortamos o seguinte trecho:

«E porque eu começava de tanger bem, me mandava ensinar e me ouvia muitas vezes na sêsta e de noite na cama, e me gabava tanto e tantas vezes, que eu não cuidava em outra cousa senão em servir e aprender». (cap. CCI)

O louvor em bôca propria poderá parecer suspeito, mas não temos outro testemunho que nos abone o talento musical do chronista e trovador.

Resende não só tangia mas cantava. No seu *Cancioneiro Geral* vem uma trova ao secretario, que lhe fizera promessa de umas perdizes e de umas luvas por elle ter tanguido e cantado bem.

Garcia de Resende ao secretario que lhe disse, porque tangeu e cantou muito bem que lhe daria dous pares de perdizes pera o papo e pera as mãos dous pares de luvas, e que mandasse a sua casa por tudo; e mandou com esta copra:

*A voz é para pedir
e as mãos para tomar:
vós, senhor, sois para dar
mil cousas c'ora rir.
O riso não no mandeis,
porque já cá tenho muito
o al mandai e dareis
de bo arvore bom fruto.*

Era tambem compositor. No mesmo *Cancioneiro* vem um *Vitancete seu*, a que tambem fez o tom. Principia assim:

*Minha vida,
pois esperança não tem,
não na deseje ninguém.*

SOUSA VITERBO.

(Da obra inedita *Subsidios para a historia da musica em Portugal*.)



O estudo da lingua musical é como o de qualquer outra lingua. Quem a estudar desde creança poderá assimilar'a; para o adulto é quasi impossivel.

Rubinstein.



Industria Instrumental Portuguesa

(A F O N T A M E N T O S)

(Conclusão)

Fabricantes da actualidade

(AS DATAS SÃO AS DA FUNDAÇÃO)

GUITARRAS, ETC.....	{	Antonio da Silva & Filho (Lisboa, 1906)
		Antonio Fernandes Leite (Porto, 1906)
		Samuel Benzaquem (Lisboa, 1907)
		Gaudencio d'Albuquerque & C. ^a (Lisboa, 1909)
		Augusto F. Camacho (Lisboa)
		Antonio Victor Vieira (Lisboa)
		Belmiro dos Santos (Lisboa)
		Antonio Maria da Costa Feio (Lisboa)
		Manuel dos Santos Felgueiras (Marzovellos, Vizeu)
		Francisco Valente & C. ^a (Beja)
		Antonio M. Soares (Vianna do Alemtejo, 1909)
		Alvaro Luiz d'Abreu (Funchal)
		etc.
BORDÕES DE GUITARRA		Raul dos Santos (Lisboa)
VIOLINOS, ETC.....	{	Dr. Alfredo Bensaude, <i>amador</i> (Lisboa, 1875)
		J. M. Silva (Lisboa, 1904)
INSTRUMENTOS DE LATÃO.....	{	Custodio Cardoso Pereira & C. ^a (Porto, 1861)
		Francisco R. Pinto Guimarães (Porto, 1898)
PIANOS	{	C. A. Habel (Lisboa, 1848?)
		Wagner & Wagner (Lisboa, 1848?)
		A. Gomes de Faria (Gaya, fund. 1860 por J. P. Correia)
		Delerue & Irmão (Porto, 1874)
ORGÃOS	{	José Linhares (Lisboa, 1892) ⁽¹⁾
		Augusto Joaquim Claro (Braga)
INSTR. ^{OS} AUTOMATICOS.....		Abel Ferreira da Silva (Porto, 1907)
HARMONICAS		Caetano Martins da Silva (Lisboa, 1874)
EDITORES.....	{	Sassetti & C. ^a (Lisboa, 1848)
		Lambertini (Lisboa, 1877)
		Neuparth & Carneiro (Lisboa, 1882)
		Moreira de Sá (Porto, 1900)
		etc. etc.

(¹) Seu filho, Armando Jayme Linhares, tambem organeiro, estabeleceu-se em 1903 na cidade de Boston (E. U. da America).

Não é brilhante o inventario e, afora os fabricantes de guitarras e instrumentos similares, bem pouco fica para attestar um esforço industrial que mereça registro.

O unico violeiro profissional, construindo instrumentos d'arco, é como se vê o sr. J. M. Silva; mas a verdadeira especialidade da sua officina, aliás primorosamente montada, é a reparação de violinos, violoncellos, etc., sendo raros, ao que julgo, os instrumentos por elle proprio fabricados.

Nos instrumentos de metal, fabricados no Porto, é mais intensa a produção, graças sobretudo ao fornecimento das bandas regimentaes, adjudicado em 1869 á casa Custodio Cardoso Pereira. Tanto esta como a casa Guimarães crearam bandas de musica, substituidas pelos seus proprios obreiros.

Dos fabricantes de pianos não me atrevo a especialisar senão a casa Delerue, do Porto, pois supponho sêr a unica que dedica hoje uma attenção seguida á construcção do piano. Até 1910 havia fabricado 250 instrumentos, o que é enorme para o nosso paiz. Alem d'isso, tirou varias patentes d'invenção por melhoramentos introduzidos no machinismo, tampo d'harmonia, etc.

O organeiro Claro tambem tem direito a uma allusão especial. Os seus instrumentos de que ha especimens no seminario de Braga, nas egrejas lisbonenses da Graça e Mercês, na capella privada do Conde de Castro Guimarães, etc. possuem realmente qualidades interessantes, sem comtudo se poderem comparar aos bons orgãos estrangeiros, mesmo de fabricaçãõ corrente.

No resto da lista não me parece haver margem para quaesquer considerações especiaes. Poder-se-ha fazer quando muito uma referencia breve á industria da *edição*, e essa mesma pouco lisongeira. Effectivamente, se exceptuarmos as edições chamadas *do Conservatorio*, ha muito enfeudadas á casa Neuparth, e algumas *baboseiras musicæes*, tão nocivas ao progresso da verdadeira arte como demonstrantes do mais lamentavel mau-gosto, pouco ficará de verdadeiramente valioso e compensador para o industrial. Acrescente-se ainda que a mór parte das edições portuguezas são feitas... na Allemanha, e isto pela absoluta carencia de bons impressores no paiz.

Termino os meus apontamentos com uma tabella, em que vão registrados os poucos que, a meu conhecimento, se singularisaram entre nós por uma invenção qualquer no dominio da factura instrumental.

Inventores

Pedro Bartholomeu Déjante :

Imaginou umas mesas com musica

José João da Silva Azevedo :

Inventou a «Cithralia» em 1867 (1)

Arsenio Joaquim Teixeira :

Inventou em 1878 um apparelho para fabricar bordões

Ernesto V. Wagner :

Applicação de cylindros á trompa (1880)

Tampo harmonico para pianos (1886)

João Eduardo da Matta Junior :

Teclado symetrico (1883)

Salvadôr José dos Santos :

Fabricou em 1899 uma «Guitarra-Harpa»

Francisco Silverio :

Modificações de forma e de construcção da Viola (1899)

Julio Theodoro da Cunha Taborda :

Inventou a «Harpa Lusa» em 1907

João Cyrillo de Seixas Oliveira :

Imaginou em 1909 um «Orgão-orchestra»

(1) A cithralia tem 7 cordas. Sobre o modo de a afinar e tocar publicou o seu inventor em 1867 um folheto que tem por titulo : «Explicações acerca da Cithralia e do partido que pode tirar-se d'este novo instrumento de cordas». Figurou na Exposição Musical de Milão, em 1861.

Antonio Maria da Costa Feio:

Guitabando, Guiolim, Bandolineta (1)

Joseph Delerue:

Tirou varias patentes para a construcção de Pianos

Julio A. Cesar da Silva:

Modificações na Guitarra

Manuel d'Oliveira:

Imaginou um «Harmonium electrico»

Samuel Benzaquem:

Modificações na Guitarra

José Pereira de Sampaio (Bruno):

Harmonium tessaradecatonico (1912)

Empenharei toda a minha diligencia para completar este primeiro esboço, remediando-lhe as deficiencias e erros, que devem ser innumerados, e accrescentando-lhe novos elementos d'investigação que possam melhor esclarecer a marcha historica da nossa fabricação instrumental, tão pouco estudada até hoje. Presinto contudo que pouco poderei adeantar, se me não valerem todos aquelles que por qualquer modo, com uma informação, uma data, um nome, possam concorrer para o aperfeiçoamento d'este trabalho. A esses adventicios collaboradores deixo aqui, com esse apello, a expressão do meu antecipado reconhecimento.

A Inglaterra musical

Faz-se geralmente uma ideia muito falsa da musica ingleza: áparte Händel, para quem de resto a Inglaterra era uma patria adoptiva, julga-se de ordinario que este paiz nunca produziu um artista digno de interesse.

E, pelo contrario, os seculos XVI, XVII e XVIII representam para a Gran Bretanha um periodo d'extrema actividade musical. Um ensino serio, dirigido por mestres eminentes, dava aos jovens musicos uma technica profunda e um conhecimento absoluto dos diversos ramos da sua arte. Poude então vêr-se, não só em Londres mas em todo o territorio inglez, uma numerosa pleiade de compositores e organistas do mais alto merito.

Os soberanos que successivamente reinaram no periodo a que nos estamos referindo, Henrique VIII, Eduardo VI, as rainhas Maria e Isabel, assim como Carlos I e Carlos II, sustentavam do seu thesouro particular uma sumptuosa capella e inte-

ressavam-se por tal modo pela arte e pelos artistas que se viu, em 1596, a rainha Isabel propôr John Bull para o desempenho do lugar de professor de musica no Gresham College.

O exemplo regio era seguido pela sociedade culta e sobretudo pelos *lords*, que faziam gala em constituir grupos de musicos, largamente subsidiados para o serviço de suas casas.

No principio d'esse periodo, isto é, durante o seculo XVI e primeira metade do seguinte, as obras dos musicos italianos, flamengos, allemães e francezes, eram, se não desconhecidas, pelo menos muito pouco cultivadas em Inglaterra. Assim, apresenta a musica ingleza d'esse tempo uma frescura e encanto realmente dignos de nota, podendo dizer-se que foi então que se constituiu a verdadeira escola nacional. Só mais tarde, quando graças á multiplicação das edições se espalharam em todo o mundo culto as composições dos auctores continentaes, é que a influencia d'esses mestres se fez sentir nas producções inglezas; parece no emtanto que ao atravessar a Mancha, tomou a arte uma physionomia diffe-

(1) Na construcção d'estes novos instrumentos teve o seu auctor principalmente em vista condensar em uma só peça o effeito de varios instrumentos de cordas dedilhadas. O *guitabando* tem 2 braços, um de guitarra e outro de bandolim. No *guiolim* pretendem-se reunir a guitarra, a viola e o bandolim; dispõe de 3 braços ligados a uma só caixa harmonica. Quanto á *bandolineta* differe apenas dos instrumentos congeneres por ter 5 ordens de cordas (*mi, lá, ré, sol, dó*) correspondendo as 4 primeiras ao bandolim e as 4 ultimas á bandoleta.

rente, e tão diferente mesmo que o elemento estrangeiro desaparece quasi por completo, deixando por assim dizer o logar livre á primitiva originalidade nacional.

E' opinião de muitos que o musico inglez, tendo assimilado os processos contraponticos do continente, pôz no emtanto esses processos ao serviço das suas impressões proprias, colhidas na natureza do seu paiz e nos sentimentos característicos da sua raça e da sua cultura.

Os cantos populares da Escocia e da Irlanda parece que foram a fonte em que a primitiva arte britannica bebeu a sua originalidade e a sua feição propria.

Mas é sobretudo á musica religiosa vocal e á musica d'orgão que os artistas inglezes offereceram o maior tributo do seu talento. E' incalculavel o numero de missas, salmos, motetes, hymnos e antiphonas que nos legou a escola ingleza d'esses tres seculos.

A musica profana foi tambem largamente cultivada no seculo xvi em Inglaterra e, mercê da *Madrigal Society* de Londres, fundada em 1741 e ainda hoje existente, a fôrma madrigalesca nunca foi abandonada.

Não era sómente a musica vocal que estava em favôr. A instrumental teve na Inglaterra grandes cultores e notaveis compositores, causando pasmo a fecundidade e profusão dos artistas que escreveram para *harpsichord* (cravo), virginal, violino ou 2 violinos e baixo, etc.

No dominio do virtuosismo houve tambem excellentes e notaveis amadores, citando-se entre estes ultimos os proprios monarchas, como Isabel d'York, no principio do sec. xvi, Henrique VIII (1509-1547), Maria Tudor (1553-1558), e a rainha Isabel (1558-1603), que foram virginalistas, a cujo talento as chronicas se referem com frequencia. E era tal a divulgação da virginal, mesmo entre as classes menos abastadas, que se conta que por occasião do grande incendio de Londres, em 1666, em quasi todas as embarcações do Tamisa, onde se accumulavam os objectos salvos do fogo, se viam dois ou tres d'esses instrumentos.

Quanto á arte dramatica, exceptuando algumas tentativas de farças que parecem mais aproximar-se da fôrma opera comica, que da opera propriamente dita, os varios ensaios realizados n'esta ordem d'ideias são pouco felizes. Estava reservada ao genio de Henry Purcell a missão não só de introduzir na musica d'egreja outros instrumentos além do orgão, mas sobretudo de crear a opera ingleza, á qual elle teve a gloria de dar a definitiva fôrma.



Para regosijo dos nossos amadores de musica symphonica, que são cada vez mais numerosos, recommencaram as *matinéés* do Politeama no domingo, 22, dirigindo-as como no anno passado o talentoso maestro portuêz David de Sousa.

O interessante programma d'esta primeira sessão continha algumas obras já conhecidas e que o publico sublinhou com sinceros applausos, a abertura do *Egmont* de Beethoven, a *Dança das luzes* de German, a quarta *Symphonia* de Glazounow e a *Ca-valgada das Walkirias*. E como novidades, melhor ou peor assimiladas pelo auditorio, figuraram tambem n'esse programma uma *suite* de Debussy e trechos de Liadoff e Sibelius.

No domingo, 29, deve ter-se effectuado outro concerto no mesmo theatro e, em S. Carlos, a primeira das audições symphonicas organisadas e dirigidas por Pedro Blanch.

* * *

Nos dias 16 e 18 tambem teve logar no Porto a estreia da nova serie de concertos do *Orpheon*.

Foi ao *Quarteto Renacimiento* de Barcelona que couberam as honras d'essa estreia, proporcionando aos intelligentes amadores portuenses a primeira audição de dois quartetos hespanhoes (Arriaga e Conrado del Campo) e o alto prazer espirital de apreciar obras-primas como o *Quarteto* em sol de Haydn, o ultimo de Beethoven (op. 132) e os quartettos, já hoje celebres, de Dittersdorff e Borodine.

O *Renacimiento*, de que fazem parte Eduardo Toldrá e José Recasens (violinos), Luiz Sanchez (violeto) e Antonio Planás (violoncello), teve um acolhimento festivo e contentou aos mais exigentes.



Communica-nos a «Academia de Estudos Livres» que transferiu a sua séde para a rua da Emenda, n.º 53, onde continuam a funcionar, entre outros cursos, as aulas de musica que esta prestante sociedade organisou.





Acha-se em Lisboa o professor brasileiro Carlos de Mesquita, que no proximo dia 8 dará um *recital* de piano no salão da Liga Naval.

*
**

De René Lyr, redactor em chefe do *S. I. M.*, e actualmente refugiado perto de Bordeus, recebemos um *Chant des Wallons* de sua composição, que rapidamente se popularisou entre os belgas-francezes, como um grito de guerra contra a invasão germanica.

A peça, cuja contextura masculina e decidida se presta ás grandes massas coraes, foi muito vulgarisada em Liège, Namur, Charleroi, Mons e sobretudo em Entre-Sambre-et-Meuse.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

A nova serie de concertos symphonicos do Porto deve ter começado ante-hontem, 29, com a costumada e intelligente direcção de Raymundo de Macedo.

Como já dissemos no numero anterior, o insigne Vianna da Motta foi convidado para tomar parte n'esta festa inaugural, em que alem do famoso *Concerto* de Liszt por elle executado com acompanhamento d'orchestra, fará esta ouvir a abertura do *Eury-anthe*, a sexta *Symphonia* de Tschaikowski, o idillio do *Siegfried* e o *Phaeton* de Saint-Saëns.

São as seguintes as peças escolhidas para os exames do curso de Piano no corrente anno lectivo.

1.º ANNO

<i>Für Elisa</i>	BEETHOVEN
<i>Sonatina em ré</i> , op. 36, n.º 6.....	CLEMENTI
<i>Rossignol dans le bois</i> , op. 81.....	KULLAK

2.º ANNO

<i>Chanson triste</i>	TSCHAIKOWSKI
<i>Sonatine miniature</i> , n.º 6	REINECKE
<i>Terceiro caderno</i> , op. 138, n.ºs 3 e 5.....	HELLER

3.º ANNO

<i>Sonata em mi menor</i>	HAYDN
<i>Waldscenen</i> , n.º 2, <i>Chasseur à l'affut e Auberge</i> , n.º 6.....	SCHUMANN

4.º ANNO

<i>Sonata em fá maior</i>	MOZART
<i>Lieder ohne worte</i> , n.ºs 14 e 15.....	MENDELSSOHN

5.º ANNO

<i>Sonata em fá</i> , op. 10, n.º 2	BEETHOVEN
<i>Ballada</i> , op. 10, n.º 3....	BRAHMS

Em cada anno, o examinando tem o direito de escolher uma unica entre as peças indicadas.

Por lapso de typographia não foi alterada na capa da revista a residencia da sr.^a D. Gertrudes Maria de Barros, e como as capas só são renovadas trimestralmente, terá de continuar o erro até ao proximo mez de Janeiro.

A illustre e reputada professora, a quem pedimos nos excuse esta lamentavel irregularidade, reside agora na avenida Fontes Pereira de Mello, 13, 3.º direito.

O distincto professor Thomás Borba acaba de dar á publicidade o 2.º volume da sua util collecção do *Canto coral nas escolas*. Mal folheamos o livro, mas o bastante para constatar que a mór parte das canções, feitas sobre versos de bons poetas e contendo sempre uma pequenina lição moral e patriotica, são admiravelmente adequadas ao fim educativo que o auctor teve em vista e, algumas d'ellas, muito mimosas de concepção e muito castigadas de forma.

As canções d'este volume são todas a duas vozes e constituem, para a população infantil a que são destinadas, um optimo exercicio de educação para o ouvido.

Muito agradecemos o exemplar enviado a esta redacção.

A 16 do proximo mez haverá em Coimbra um excellente e bem organizado concerto, em que tomam parte os conhecidos artistas David de Sousa e D. Irene Teixeira, o primeiro como violoncellista e a segunda como pianista.